


TIMOTHY KELLER

Autor best-seller do *The New York Times*



JUSTIÇA GENEROSA

A graça de Deus e a justiça social

“Keller nos mostra como [...] um espírito de generosidade e justiça pode modificar inteiramente não só uma pessoa, mas — em última análise — toda a sociedade [...] O leitor encontrará muitas pedras preciosas em Justiça Generosa”

THE WASHINGTON TIMES

O ministério de Keller na cidade de Nova York é levar uma geração de pessoas interessadas e outras céticas a crerem em Deus. Agradeço a Deus por ele.

BILLY GRAHAM

Daqui a cem anos, se os cristãos evangélicos forem amplamente conhecidos por seu amor às cidades, seu compromisso com a misericórdia e a justiça e seu amor pelo próximo, Tim Keller será lembrado como o pioneiro dos novos cristãos urbanos.

CHRISTIANITY TODAY

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| <i>Agradecimentos</i> | 9 |
| Introdução: Por que escrever este livro? | 11 |
| UM O que significa fazer justiça?..... | 23 |
| DOIS Justiça e Antigo Testamento | 39 |
| TRÊS O que Jesus ensinou sobre justiça? | 59 |
| QUATRO Justiça e o nosso próximo..... | 79 |
| CINCO Por que devemos fazer justiça?..... | 93 |
| SEIS Como devemos fazer justiça? | 119 |
| SETE Fazendo justiça na sociedade | 153 |
| OITO Paz, beleza e justiça..... | 177 |
| <i>Bibliografia</i> | 197 |

AGRADECIMENTOS

Dedico este livro aos diáconos e às diaconisas que têm servido à Redeemer Presbyterian Church ao longo do tempo e também aos líderes de Hope for New York, um ministério que foi desenvolvido pela Redeemer e mantém a parceria conosco (e outras igrejas) no intuito de ajudar os pobres da cidade. Também sou grato pelo ministério e a vida de serviço de meus amigos e colegas Jeff White e Mark Gornik, das igrejas Nova Canção em Harlem e Baltimore. No que se refere a fazer justiça, somos aprendizes interdependentes há anos. Em algumas ocasiões, eles aprenderam comigo, em outras, eu aprendi com eles, e juntos descobrimos os princípios e práticas apresentados neste livro.

A primeira igreja que me ensinou a cuidar dos *necessitados*, no entanto, foi minha congregação em Hopewell, no estado da Virginia. Lá, os cristãos sabiam instintivamente que, se o amor é genuíno, ele se expressa não só por palavras, mas em ações.

Como é natural, este livro não teria sido escrito sem a orientação editorial e o apoio pessoal de meu agente, David McCormick, e de meu editor na Penguin, Brian Tart. Agradeço imensamente a Lynn Land e Janice Worth, que há muito tempo facilitam minha vida para que eu passe os verões escrevendo. Janice merece elogios especiais no caso presente, porque foi sua a ideia de transformar em livro minha palestra sobre justiça e generosidade.

Por fim, agradeço à minha esposa, Kathy. Este livro é mais um esforço conjunto para cumprir nosso juramento matrimonial de que por meio da nossa vida de casados “os aflitos ouvirão [...] e se alegrarão” (Sl 34.2).

INTRODUÇÃO

POR QUE ESCREVER ESTE LIVRO?

Entregaram-lhe o livro do profeta Isaías; ele o abriu e achou o lugar em que estava escrito: O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar boas novas aos pobres; enviou-me para proclamar libertação aos presos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos.

Lucas 4.17,18

Essas são as palavras que Jesus leu na sinagoga em Nazaré quando anunciou o começo de seu ministério. Ele se identificou como o “servo do Senhor” profetizado por Isaías, que “trará justiça” ao mundo (Is 42.1-7). A maioria das pessoas sabe que Jesus veio trazer perdão e graça. Menos conhecido é o ensino de que a verdadeira experiência da graça de Jesus Cristo inevitavelmente motiva homens e mulheres a buscarem justiça no mundo.

Enquanto escrevia este livro, ouvi duas perguntas de amigos: “Para quem você está escrevendo?” e “O que despertou seu interesse pelo assunto?”. Minhas respostas aos amigos são excelentes maneiras de apresentar os temas deste livro.

Para quem é este livro?

Espero que quatro tipos de pessoas leiam este livro. Existe uma multidão de jovens cristãos que responde com alegria ao chamado para cuidar dos necessitados. O trabalho voluntário é a marca distintiva de uma geração inteira de jovens americanos ainda na universidade e também de recém-formados. Segundo *The NonProfit Times* [revista voltada para gestão de organizações sem fins lucrativos], jovens e adolescentes são “maioria nos trabalhos voluntários”. Alan Solomont, presidente do conselho administrativo da Corporation for National and Community Service, afirma que “[essa] geração atual [...] tem mais interesse em ajudar do que as gerações anteriores”.¹ A porcentagem de trabalho voluntário entre jovens baixou de modo significativo nas décadas de 1970 e 1980, “mas os jovens de hoje frequentaram escolas que muito provavelmente tinham programas de trabalho voluntário [...], iniciando as crianças no caminho do serviço comunitário muito mais cedo do que antes”.²

Como pastor de uma igreja repleta de jovens, tenho notado entre eles tal preocupação por justiça social, porém também tenho visto muitos que não permitem que essa preocupação afete a vida pessoal. Ela não influencia o modo de gastarem dinheiro em causa própria, de direcionarem suas carreiras, de se comportarem com os vizinhos ou de escolherem os amigos. Além disso, com o passar do tempo, muitos perdem o entusiasmo pelo trabalho voluntário.

Da própria cultura jovem, absorveram não apenas uma afinidade emocional por justiça social como também um consumismo que solapa a abnegação e insiste na satisfação imediata. A cultura popular jovem nos países ocidentais não causa em nós a mudança abrangente de vida necessária para fazermos diferença em bene-

fício dos pobres e marginalizados. Embora muitos jovens tenham uma fé cristã e também desejem auxiliar os necessitados, a verdade é que essas duas coisas não estão conectadas uma à outra. Nunca pensaram nas implicações do evangelho de Cristo na promoção da justiça em todos os aspectos da vida. Neste livro, tentarei fazer essa conexão.

Justiça e Bíblia

Outro tipo de pessoa que eu gostaria que lesse este livro aborda com desconfiança “esse negócio de fazer justiça”. Nos Estados Unidos do século 20, a igreja se dividia entre denominações históricas liberais, que enfatizavam justiça social, e as fundamentalistas, que enfatizavam salvação pessoal. Um dos fundadores do movimento Evangelho Social foi Walter Rauschenbusch, pastor batista alemão cujo primeiro pastorado foi na década de 1880 em Hell’s Kitchen [Cozinha do Inferno], um bairro de Nova York. Seu encontro inicial com a terrível pobreza do bairro levou-o a questionar a evangelização tradicional, que se esforçava para salvar as almas, mas não fazia nada a respeito dos sistemas sociais que acorrentavam as pessoas à pobreza. Rauschenbusch passou a ministrar “à alma e ao corpo”, contudo no rasto dessa mudança de método veio uma mudança de teologia. Walter rejeitou as doutrinas tradicionais da Bíblia e a expiação de Cristo. Passou a ensinar que Jesus não teve de satisfazer a justiça de Deus e, assim, morreu apenas para ser um exemplo de altruísmo.³

Portanto, na mente de muitos cristãos ortodoxos, “fazer justiça” está intrinsecamente ligado à perda da sã doutrina e do dinamismo espiritual. No entanto, isso não é verdade. Jonathan Edwards, pastor do século 18 e autor do famoso sermão “Pecadores nas mãos

de um Deus irado”, era um calvinista inveterado e dificilmente alguém pensaria nele como sendo “liberal”. Todavia, em sua mensagem “The Duty of Charity to the Poor”, ele pergunta: “Que mandamento na Bíblia é apresentado em termos mais enérgicos e de modo mais categórico do que o mandamento para ofertarmos aos pobres?”.⁴

Diferentemente de Rauschenbusch, Edwards argumentou que para ministrar aos pobres não precisamos mudar a clássica doutrina bíblica da salvação. Ao contrário, tal ministério jorra diretamente do ensino evangélico histórico. Para Edwards, havia um entrelaçamento indissolúvel entre envolvimento com os pobres e doutrina bíblica clássica. Essa correlação é um tanto rara hoje em dia, mas não deveria ser. Escrevo este livro para as pessoas que ainda não enxergaram o que Edwards enxergou, ou seja, que, quando o Espírito nos capacita a entender o que Cristo fez por nós, o resultado é uma vida dedicada a obras de justiça e compaixão pelos pobres.⁵

Outras pessoas que espero que deem atenção a este livro são os evangélicos mais jovens que “expandiram sua missão” para dar espaço à justiça social ao lado da evangelização.⁶ Muitos desses jovens não só abandonaram as formas antigas de ministério como também as doutrinas evangélicas tradicionais da morte substitutiva de Jesus e da justificação unicamente pela fé, porque, segundo eles, são doutrinas “individualistas” demais.⁷ Os escritores que advogam essa ideia geralmente argumentam que é preciso haver mudanças nas ênfases teológicas — talvez mudanças teológicas doutrinárias completas — para a igreja engajar-se mais na busca por justiça social. O escopo deste livro não nos permite discorrer sobre expiação e justificação. No entanto, um de seus objetivos principais é mostrar que tal releitura da doutrina não é apenas um

erro em si, mas também é desnecessária. A exposição mais tradicional de doutrina evangélica, quando entendida corretamente, leva seus seguidores a uma vida de promoção da justiça no mundo.

Existe um quarto grupo de pessoas que talvez ache este livro interessante. Ultimamente tem havido um aumento de livros e blogs acusando a religião de “envenenar tudo”,⁸ citando a expressão de Christopher Hitchens. No ponto de vista deles a religião, e especialmente a igreja cristã, é uma fonte fundamental de promoção da injustiça e violência em nosso planeta. Para essas pessoas, a ideia de que crer no Deus bíblico subentende necessariamente um compromisso com a justiça é coisa absurda. Mas, como veremos, a Bíblia é, do começo ao fim, um livro dedicado à justiça no mundo. E a Bíblia não nos chama para simplesmente fazermos justiça e nada mais. Ela nos oferece tudo de que precisamos — motivação, orientação, alegria íntima e poder — para vivermos uma vida justa.

Identifiquei quatro grupos de leitores que, num primeiro momento, parecem bem diferentes, mas não são. De certa forma, nenhum deles percebe que o evangelho bíblico de Jesus cria, necessária e poderosamente, uma paixão pela justiça no mundo. A preocupação com a justiça em todos os aspectos da vida não é acréscimo artificial nem contradição à mensagem da Bíblia.

Por que sou interessado em justiça?

Como me interessei por este assunto? Praticar justiça não era algo natural para mim na infância. Quando era menino, eu me esquivava da única criança pobre que conhecia bem — Jeffrey, um colega de classe do ensino fundamental e médio que morava “embaixo da ponte da Rua Oito”. No sistema social rígido de

minha escola havia os Fashions e os Bregas. E, em uma categoria à parte, o Jeffrey. Suas roupas eram de segunda mão, desajustadas no corpo, e ele cheirava mal. O pessoal zombava do Jeffrey sem misericórdia; o garoto era excluído das brincadeiras e conversas e penalizado nas atividades da classe, pois praticamente ninguém queria fazer dupla com ele nos projetos e tarefas da escola. Confesso que minha distância do Jeffrey se devia ao fato de eu fazer parte dos Bregas e desejar ascender na escala social. Em lugar de me identificar com Jeffrey e reconhecer a injustiça do tratamento que lhe era dado, desprezei o único colega que era mais excluído socialmente do que eu.⁹

No entanto, quando entrei para a faculdade, no fim da década de 1960, tornei-me parte de uma geração de estudantes fascinada pelo Movimento dos Direitos Civis. Intei-rei-me sobre a violência sistemática contra os negros e os defensores dos direitos civis no sul dos Estados Unidos. Lembro-me de ficar particularmente chocado em 1966 com as imagens de James Meredith [escritor e consultor político que se tornou figura emblemática do Movimento] baleado à luz do dia em uma passeata que reivindicava o direito de voto para os negros e de seus agressores olhando tranquilamente para um dos fotógrafos. Fiquei espantado que algo tão injusto como a segregação tivesse sido tão facilmente racionalizado por uma sociedade inteira. Essa foi a primeira vez que me dei conta de que a maioria dos adultos brancos ao redor me ensinava coisas absolutamente erradas. O problema não se restringia a “alguns bagunceiros”. Os negros *tinham* o direito de exigir reparação e retificação dos muitos erros cometidos contra eles.

“Você sabe, você é racista”

Embora eu tivesse sido criado na igreja, o cristianismo perdeu a graça quando entrei na faculdade. Uma das minhas dificuldades era a desconexão entre meus amigos não crentes que apoiavam o Movimento dos Direitos Civis e os evangélicos ortodoxos que achavam Martin Luther King uma ameaça à sociedade. Por que, eu me perguntava, os não religiosos defendiam de todo o coração a igualdade de direitos e justiça, enquanto os religiosos que eu conhecia não estavam nem aí?

A resposta veio quando encontrei um grupo pequeno mas atencioso de cristãos fiéis que integravam sua fé a toda espécie de justiça na sociedade. De início, simplesmente incorporei minhas opiniões sobre justiça racial à teologia que estava aprendendo como cristão. Não vi de imediato o que mais tarde vim a perceber: que, na realidade, a Bíblia é a verdadeira base da justiça. Aprendi que o relato da criação, em Gênesis, foi a origem do conceito de direitos humanos no Ocidente¹⁰ e que a literatura bíblica profética ressoava com clamores por justiça. Mais tarde descobri que o Movimento dos Direitos Civis dos anos 1950 e 1960, que eu tanto admirava, estava enraizado muito mais na visão que a igreja afro-americana tinha de pecado e salvação do que no secularismo.¹¹

Logo no início dos estudos no seminário, conheci um estudante afro-americano, Elward Ellis, que acabou se tornando amigo meu e de minha noiva, Kathy Kristy. De forma gentil, porém nua e crua, Ellis nos abriu os olhos para as realidades da injustiça na cultura americana. “Vocês sabem, vocês são racistas”, ele disse certa vez à mesa da cozinha lá de casa. “Não é de propósito, vocês não querem ser, mas são. Vocês não conseguem evitar.” Ellis deu um exemplo: “Quando um negro age

de certa forma, vocês dizem: ‘Tudo bem, é parte de sua cultura’. Mas, quando é um branco, afirmam: ‘Ele está fazendo a coisa do jeito *certo*’. Vocês nem percebem que têm uma cultura. Não enxergam que muitas de suas crenças e práticas são culturais”. Passamos a ver como, de muitas maneiras, transformávamos nossos preconceitos raciais em princípios morais e, então, achávamos que pessoas de outras raças eram inferiores. O argumento de meu amigo era tão sólido e justo que, para nossa surpresa, concordamos com ele.

Em meu primeiro pastorado, em Hopewell, estado da Virgínia, matriculei-me num curso de doutorado em ministério pastoral e meu projeto (a “tese” do curso) era sobre treinamento de diáconos. No sistema organizacional da igreja presbiteriana existem dois tipos de oficiais — presbíteros e diáconos. Historicamente, os diáconos foram designados para trabalhar com os pobres e necessitados da comunidade, mas no transcorrer do tempo esse legado se perdeu e eles se transformaram em zeladores e tesoureiros. Meu orientador do curso me desafiou a estudar a história do diaconato e a desenvolver maneiras de ajudar as igrejas presbiterianas a recuperar o aspecto perdido de sua vida congregacional.

Aceitei o desafio, que foi um processo transformador para mim. Procurei o departamento social de uma universidade próxima, obtive a lista completa de leitura para as matérias básicas e devorei todos os livros. Fiz uma pesquisa histórica sobre a influência dos diáconos de igreja na formação da primeira estrutura de serviço social público em cidades europeias como Genebra, Amsterdã e Glasgow. Planejei cursos de treinamento para diáconos e preparei material para ajudar os líderes da igreja a voltarem os olhos não somente para o ministério da pregação e ensino da

“palavra”, mas também para o ministério das “boas obras”, servindo àqueles que têm necessidades físicas e financeiras.¹²

Depois do meu pastorado na Virgínia, fui lecionar no Seminário Westminster, na Filadélfia. Havia no meu departamento quatro professores que moravam no centro da cidade e lecionavam sobre ministério urbano. Todas as semanas eu chegava um pouco mais cedo para a reunião do departamento e passava uns quinze minutos conversando com o relator, Harvie Conn. Harvie era apaixonadamente comprometido em viver e trabalhar na cidade e estava muitíssimo cômico da injustiça sistêmica de nossa sociedade. Quando me lembro daqueles dias, percebo que estava aprendendo muito mais com ele do que imaginava. Há 25 anos, li seu livro *Evangelism: Doing Justice and Preaching Grace*¹³, e os temas ali tratados influenciaram profundamente meu entendimento sobre Deus e a igreja.

Inspirado pelo ensino de Harvie e por todas as experiências que tive nas igrejas urbanas da Filadélfia durante a década de 1980, em 1989 aceitei o convite para ir morar no centro da cidade de Nova York e começar uma nova igreja, a Igreja Presbiteriana Redentor.

Graça e a prática da justiça

Existem muitas diferenças importantes entre Hopewell, a pequena cidade sulista no estado da Virgínia, e a gigantesca metrópole de Nova York. Uma coisa, porém, era exatamente igual. Descobri surpreso que existe uma ligação direta entre o que a pessoa entende e vivencia da graça de Deus e o seu amor pela justiça e pelos pobres. Nas duas cidades, quando preguei o clássico sermão afirmando que Deus *não* nos trata com a justiça que merecemos,

mas que nos salva pela graça, percebi que as pessoas mais afetadas pela mensagem tornaram-se mais sensíveis às inadequações sociais que as cercavam. Easley Shelton, membro da igreja em Hopewell, sofreu uma profunda transformação. Abandonou o entendimento estéril e moralista de vida e passou a entender que sua salvação estava fundamentada na graça imerecida que Jesus lhe ofertou. Isso o transformou numa pessoa calorosa, alegre e confiante, e todos notaram a mudança. No entanto, outro resultado surpreendente aconteceu. “Sabe”, Easley me disse certa vez, “fui racista a minha vida inteira”. Fiquei estupefato, pois ainda não havia pregado a ele nem à congregação sobre o assunto. Shelton descobriu isso sozinho. Quando esse homem se desvestiu do farisaísmo e da autorretidão espiritual, o racismo desapareceu, segundo ele mesmo disse.

Elaine Scarry, da Universidade Harvard, escreveu um livrinho fascinante intitulado *On Beauty and Being Just*.¹⁴ Sua tese é que a experiência da beleza nos deixa menos egocêntricos e mais abertos à justiça. Ao longo de décadas, tenho observado que, quando as pessoas enxergam a graça de Deus em Cristo, rumam poderosamente em direção à justiça.

Portanto, este livro é dirigido tanto aos cristãos que consideram a Bíblia um guia de confiança quanto às pessoas que duvidam de que o cristianismo seja mesmo uma influência positiva no mundo. Meu desejo é que os cristãos ortodoxos entendam como a justiça feita aos pobres e marginalizados é fundamental para a Bíblia. Também gostaria de desafiar os que não creem no cristianismo a enxergar a Bíblia não como um texto repressivo, mas como a base para a compreensão atual dos direitos humanos.

Iniciarei cada capítulo deste livro com um chamado à prática da justiça tirado diretamente da Bíblia e mostrarei como ele pode se tornar o alicerce de uma comunidade humana justa e generosa.

POR QUE ESCREVER ESTE LIVRO?

Não espero que todos os leitores concordem plenamente comigo, contudo espero apresentar a muitos um novo modo de entender a Bíblia, a justiça, a graça e os bens materiais.

Notas

1. A Corporation for National and Community Service é uma agência independente do governo americano, criada para apoiar o serviço comunitário e voluntário. Também publica a revista *Volunteering in America*. O artigo do qual as citações deste parágrafo foram tiradas foi escrito por Mark HRYWNA, Young Adults Fueled Spike in Volunteers, in: *The NonProfit Times*, 28/07/2009. Disponível em: <www.thenonproffitimes.com/news-articles/young-adults-fueled-spike-in-volunteers/>. Acesso em: abr. 2013.

2. HRYWNA, Young Adults.

3. V. *A Theology for the Social Gospel*, cap. 19, “The Social Gospel and the Atonement”, no qual Rauschenbusch rejeita a teoria da substituição penal e interpreta a morte de Jesus como prova da injustiça social deste mundo, além de mostrar a generosidade sacrificial e altruísta que tem de ser nosso princípio norteador se queremos purificar o mundo de sua maldade.

4. Christian Charity: The Duty of Charity to the Poor, Explained and Enforced, in: *The Works of Jonathan Edwards*, Sereno Dwight, org., v. II, p. 164.

5. Pode-se apresentar a objeção de que Jonathan Edwards, nesse caso, estava falando apenas de *caridade* aos pobres, e não de justiça. Contudo, para ele o termo “caridade” tinha significado mais abrangente do que lhe damos hoje. Veremos outros pontos de vista de Edwards nos próximos capítulos.

6. V. Amy SULLIVAN, Young Evangelicals: Expanding their Mission, in: *Time*, 1/6/2010, <http://www.time.com/time/printout/0,8816,1992463,00.html>. Acesso em: 12/ fev. /2013. Sullivan escreve: “O perfil dos jovens evangélicos de hoje é bem diferente. Têm consciência social, são focados nos problemas da sociedade e evitam controvérsias. Organizações seculares de serviço social, como Teach for America, procuram cada vez mais a ajuda desse grupo. À medida que o mercado de trabalho encolhe para diplomados universitários, as matrículas na Teach for America dobraram desde 2007 e triplicaram o número de jovens vindos de faculdades e universidades cristãs. [...] O típico estudante universitário cristão, como muitos dessa nova geração de evangélicos, mostra uma paixão tremenda pela pregação das boas-novas ligada às boas obras”.

7. Um exemplo é Joel B. GREEN e Mark D. BAKER, *Recovering the Scandal of the Cross*.

JUSTIÇA SOCIAL TEM A VER COM TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO? COM MISSÃO INTEGRAL? OU COM A PURA E SIMPLES GRAÇA DE DEUS?

Nesta obra Tim Keller analisa a fundamental relação entre evangelho e justiça e nos dá uma visão bíblica de justiça social. Segundo o autor, a obra foi escrita para quatro diferentes públicos:

- ▶ jovens preocupados com a justiça social, mas altamente influenciados por uma sociedade consumista;
- ▶ pessoas que olham com desconfiança “esse negócio de fazer justiça” por achar que isso está intrinsecamente ligado à perda da sã doutrina;
- ▶ evangélicos mais jovens que “expandiram sua missão” para dar espaço à justiça social ao lado da evangelização, mas abandonaram doutrinas evangélicas tradicionais, como a expiação e a justificação, por considerá-las “individualistas” demais;
- ▶ pessoas que acusam a religião de “envenenar tudo”, por vê-la em geral, sobretudo a igreja cristã, como fonte fundamental de promoção de injustiça e violência em nosso planeta.

Nenhum desses grupos percebe que o evangelho de Jesus cria uma paixão pela justiça no mundo. Tim Keller nos mostra que a preocupação com a justiça em todos os aspectos da vida não é acréscimo artificial nem contradição à mensagem das Escrituras, pois a Bíblia é a verdadeira base da justiça.




VIDA NOVA
www.vidanova.com.br